

Laé de Souza

**Espiando
o Mundo
pela
Fechadura**

Crônicas

22ª edição

2016



Leandro G. Farias
E. E. Dom Camilo M. Cavalheiro
São Paulo – SP

Kristians Rodrigo Joaquim
E. E. Dolores Antunes da Silva
Salto – SP

Kallil Augusto Silveira Singulani
E. E. Lucidio Motta Navarro
Cabreúva – SP

Gilmar Tafarel Pontes
E. M. E. F. Luigi Luvizotto
Cerquilha - SP

ÍNDICE

Participação dos estudantes na obra ...	5
Tira o dez	9
O diário e o apagão	12
Vou ser cantor	15
Bebedeira do Orlei	17
Pagando pode ir e vir	21
Homens são todos iguais	24
Meu homem	27
A liberdade do amor	30
Comemoração	33
Será que...?	36
Timidez do Geraldinho	39
Notícias em primeira mão	42
Pastor Queixada, meu vereador	46
O Pastor Queixada sumiu	49
Desculpas em público	52
O absurdo do crime do Rio	55
Veia fugitiva	58
Paciente	62
Férias da Edilene	64
Intuição	67
Bye, bye, mamãe	70
No limite	73
Animais de estimação	76
Artista também come	80

Economia de guerra	82
Esmeraldo, o garçom	85
Sou escritor	88
Glossário	92
Projetos de Leitura	94
Obras do autor	95

Nota: Nas páginas 92 e 93 constam algumas palavras com seus significados (Glossário) para melhor compreensão dos textos.

Tira o dez

Nunca fui bom de bola. Nem nos tempos de colégio, quando era sempre o último escolhido e, como peso morto, entrava para jogar no gol. Os ruins no campo iam para o gol e mesmo como goleiro eu era péssimo, reconheço. Num país do futebol, é muito desagradável não saber lidar com a bola. Assim, numa época fazia aulas, treinava embaixadas em casa, queria aprender mesmo. Mas não deu resultados. Nunca consegui entender as jogadas ensaiadas, dar dribles. Acreditem, nunca passei com a bola por um adversário e poucas vezes consegui retirar a bola de um atacante. Sonhava dando bicicletas, “chapelando” o adversário, fazendo gols fenomenais, a plateia vibrando, os companheiros me abraçando, sendo disputado pelos times, na hora do jogo, e levantava disposto a mudar a história. Mas, na hora H, qual nada. Ficava entredado que não tinha jeito.

O tempo foi passando, continuava batendo minha bolinha, sem muita responsabilidade, irritando um ou outro parceiro do time em que estava jogando, mas a meu ver, o que valia era o exercício e o divertimento. Mas mudei de ideia num jogo em que disputavam um troféu a Rua de Baixo e a Rua de Cima. A coisa era pra valer. E, naquele memorável domingo, com o campo

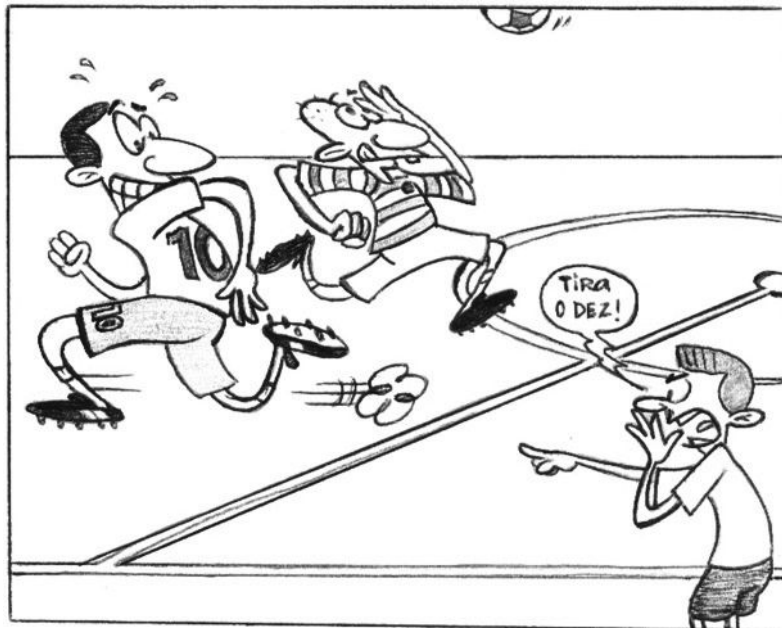
esburacado, porém, demarcado e enfeitado com bandeirolas, com juiz, bandeirinhas e torcida, nós, da Rua de Baixo, entramos em campo sob aplausos. Eu com a responsabilidade da camisa dez, confiante, pensamento firme, mentalizava “É hoje meu dia” e fazia flexões e alongamentos num aquecimento para o jogo.

Estávamos perdendo, mas ainda tinha jeito de recuperar. Eu ainda estava esperançoso até o momento em que ouvi um molequinho de seus doze anos gritar “Tira o dez”. Se fosse uma vez só, tudo bem. Mas o sapeca insistia “Troca o dez! O dez tá acabando com o nosso time.” E cutucava o pai apontando-me toda vez que a bola vinha na minha direção. E quem diz que eu conseguia tocar na bola? Travava e suava frio e não conseguia tirar os olhos do guri. Sem reservas no time, só vendo o adversário fazer gols e mais gols, e eu pedia a Deus que o jogo terminasse logo. No intervalo, quis fugir, mas me fizeram voltar na marra. Trocamos de lado no campo, o que foi pior, pois eu ficava bem de frente para o moleque que balançava a cabeça a cada erro meu. Que visão de jogo a do garoto! Com certeza, hoje deve ser técnico de algum time grande. Se bem, como disse o Sapo (técnico do time), quando comentei do garoto “Para ver que o problema era tu, não precisava ser bom.” A partir dali, resolvi parar de jogar. Sempre que surgia um jogo, na empresa ou numa reunião de amigos, eu me esquivava.

Outro dia, num churrasco de final de ano, resolveram formar times para um bate-bola. O

Com-camisa, completo; o Sem-camisa, faltando um. Insistiram. Falei que não tinha calção, tênis, que não jogava direito, mas não teve jeito. Inventei que não podia ficar sem camisa, mas me trocaram com outro jogador do Com-camisa. Enfim, lá estava eu em campo e de novo com a camisa dez. As mulheres e filhos torcendo. Mas não tinha jeito, pra todo lado que olhava, eu via um molequinho apontando para mim. Não toquei na bola durante todo o jogo e, na bebedeira do churrasco, fui objeto de galhofa.

Hoje, em qualquer confraternização, vou de pé engessado e jurei nunca mais entrar em campo pra defender time de ninguém.



Gilberto Alves de Souza